

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG

GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMANUELA DA GAMA OLIVEIRA

REDE SOCIAL UM LUGAR PARA SER SUJEITO ?

CAMPINA GRANDE

2015

Trabalho apresentado à Universidade Federal de
Campina Grande, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de graduação,
sob orientação da Professora Me. Karynna
Magalhães B. da Nóbrega.

CAMPINA GRANDE

2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”-
UFCG

O482r

Oliveira, Emanuela da Gama.

Rede Social: um lugar para ser sujeito? / Emanuela da Gama
Oliveira. – 2015.

30 f.

Artigo (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Prof.^a. Karynna Magalhães B. da Nóbrega, Ms.

1. Psicanálise. 2.Redes Sociais. 3.Internet. 4.Linguagem. I Nóbrega,
Karynna Magalhães B. II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9:316.472.4 (813.3)

Emanuela da Gama Oliveira

Rede Social um lugar para ser sujeito ?

APROVADO EM: ____/____/____

NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Karynna Magalhães B. da Nóbrega
Orientadora

Prof.(a) Isabela Lemos Arteiro
Examinador(a)

Danielle Nogueira de Menezes
Examinador(a)

*Há tempo, muito tempo
Que eu estou
Longe de casa
E nessas ilhas
Cheias de distância
O meu blusão de couro
Se estragou....(Belchior)*

Tenho em mim todos os sonhos do mundo

Fernando pessoa

Á minha família que junto comigo partilhou cada momento desse curso

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família sempre cheia de amor e alegria

A minha avó que também é minha mãe Eva , a maior incentivadora minha desde criança, obrigada por toda a paciência e por acreditar em mim todos os dias . Essa graduação é sua também;

Ao meu Avô e pai Nelo que com seu caráter e integridade me criou com toda amabilidade e carinho e mimo que uma criança pode ter, sempre se esforçou para me dar o melhor , espero um dia ser pais tão bons como vocês foram para mim.

A minha mãe Edna que me deu a vida e me ensinou o sentido da palavra cumplicidade,obrigada por todas as ligações diárias e todo o carinho.

Ao meu irmão mais lindo Walter e ao meu Tio José com sua alegria e orgulho de mim.

Agradeço as minhas amigas Thaisa,Carine,Laís e Juliana, a todos aqueles que acompanharam meu percurso até chegar ao final e torceram por mim

Aos meus amigos e professores do Colégio Cometa obrigada pela excelente base para a vida. As melhores lembranças do colégio são de vocês.

A minha orientadora Karynna Nóbrega que é a melhor, por conseguir me organizar na minha bagunça e confusão de ideias,obrigada por ouvir e estar comigo nesse processo difícil do final do curso. Seu afincio como professora é inspirador.

A minha professora de Estágio Cleide Monteiro, por ser excelente em seu trabalho e nos direcionar nos caminhos vastos da psicanálise e da arte de escutar.

Aos amigos da Ceuni (Casa dos estudantes de Irecê) e CESG (Casa dos estudantes de São Gabriel) que assim como eu moram longe dos pais para estudar.

Agradeço a minha turma Psiconatus pioneira do curso de Psicologia da UFCG, vocês são os melhores , obrigado pelo encontro potente de afeto e conhecimento , foi um prazer partilhar esses anos junto de vocês .

A toda coordenação do curso de Psicologia

MUITO OBRIGADA

RESUMO

Nós humanos, usamos dentro da linguagem diversos meios de comunicação desde os tempos mais remotos, a tecnologia revolucionou esses meios, e a partir do surgimento da internet, com o advento da invenção das redes sociais. Esse artigo é produto do trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande que tem eixo norteador a articulação entre o laço social e as redes, assim pesquisamos sobre o uso das ferramentas virtuais, mais precisamente a rede social Facebook, tendo como referencia teórica a psicanálise para problematizar as novas formas de construir laços, bem como as possíveis implicações e soluções sintomáticas da virtualização das relações.

Palavras-Chaves :Psicanálise, Rede Social, Internet, Linguagem

ABSTRACT

We humans use within the language many means of communication since the most ancient times, the technology revolutionized this means, and since the appearance of internet, with the advent of social networks. This article is the effect of the course conclusion work in Psychology by the Federal University of Campina Grande which has as guiding axle the articulation between the social ties and networks, as we researched the usage of virtual tools, more precisely the social network called "facebook", having as theoretical reference the psycho analysis to problematize the new forms of building ties, as well as the possible implications and symptomatic solutions of the virtualization of relationships.

Keywords: Psychoanalysis , Social Networking,Internet, Language

SUMÁRIO

Considerações sobre linguagem e comunicação	1
Redes sociais um objeto <i>a</i> ofertado a civilização?	4
Laço Social e Discurso.....	9
A fantasia e a imagem na rede.....	12
Considerações finais.....	17
Referências	19

REDE SOCIAL: UM LUGAR PARA SER SUJEITO?

*As vezes me pergunto se a vida
moderna não tem mais de moderna
do que de vida*

*Mafalda , personagem dos
quadrinhos de Quino*

1. Considerações sobre linguagem e comunicação

A comunicação é um ato remoto que, segundo hipóteses dos paleontólogos acerca da emergência das faculdades da linguagem, só foram plenamente desenvolvidas pelo *Homo sapiens sapiens*, datando milhares de centenas de anos atrás (Lévy, 1998). Em determinado ponto da história evolutiva da humanidade, o homem chegou a associação de determinados gestos e sons a certo objeto ou ação, fazendo nascer, assim, os signos, que em processo organizado e combinado, contribuíram para a origem da linguagem (Lévy, 1998; Bordenave, 1982). Trata-se, portanto, de um processo em que o homem utiliza, além da voz e do aparelho fonético, variados objetos para se comunicar, proporcionando-lhe as possibilidades de criação e intermediação de relações, circunscritas com os primeiros escritos em pedra das civilizações mais antigas, passando pelos papiros egípcios e chegando às cartas, que foram uma das formas de transmissão de mensagens por longo tempo.

Atualmente, encontramos-nos na era digital, introduzida com o processo de Revolução Industrial, em que a tecnologia avançou de forma extraordinária, facilitando os modos de comunicação, multiplicando e democratizando seus veículos, de modo que a internet interliga diversas comunidades e diminui as distancias, conecta pessoas de diferentes culturas e línguas.

A era da comunicação em massa se inicia no XIX, com surgimento do cinema, rádio e televisão, o que pôde criar uma indústria voltada para esse setor. No século XX nasceu o primeiro computador, inventado por Charles Babbage, que introduziu uma profunda mudança nos meios de comunicação, acentuada posteriormente diante da criação da internet, que provocou forte impacto cultural, social e econômico, bem como impactos psíquicos a partir da sua popularização.

No Brasil, as primeiras iniciativas no sentido de disponibilizar a internet ao público em geral começaram em 1995, com a atuação do governo federal (através do Ministério da Comunicação e do Ministério de Ciência e Tecnologia) no sentido de implantar a infraestrutura necessária e definir parâmetros para a posterior operação de empresas privadas provedoras de acesso aos usuários, desde então, a internet no Brasil experimentou um crescimento espantoso. Em janeiro de 2000, eram estimados 4,5 milhões de “internautas” (Monteiro, 2001).

Uma vez que nascemos inseridos na linguagem, interpretamos a realidade e o mundo por meio de signos, palavras, e assim nos apropriamos da cultura e dos costumes, intermediando o espaço entre o eu e o outro. É importante considerar o ensino de Lacan (1985), quando revela que “a linguagem, para nascer, deve sempre ser tomada em seu conjunto. Em contrapartida, para que possa ser tomada em seu conjunto, é preciso que ela comece a ser tomada pela ponta do significante” (p. 260).

Diante da aquisição da língua, em que o Outro endereça sua fala, e transcreve, junto a essa fala, o mundo sob o nosso corpo (Jerusalinsky, 2008), há também transcrição de cultura, singular de cada comunidade. Dentro da linguagem de cada cultura, no entanto, há significações e simbolizações próprias, de modo que a língua não é somente um instrumento de comunicação, mas é estruturante do sujeito, na medida em que é o código que carrega todo saber que esse sujeito possui (Jerusalinsky, 2008). Neste sentido segundo a teoria psicanalítica, para além da comunicação a linguagem é responsável pela constituição do sujeito.

Jacques Lacan, partindo da teoria psicanalítica *freudiana*, formula que o inconsciente obedece às leis da linguagem, constituindo, portanto, o discurso do Outro, tal qual quando afirma “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (1985, p. 139), e juntamente com as teorias dos linguistas modernos, como Saussure (1857 – 1913), e da própria teoria *freudiana*, coloca a fala e seus escapes, suas *hiâncias*, ou seja, a ruptura no discurso, como o instrumento por meio do qual é possível verificar as manifestações do inconsciente (Longo, 2007). Não há discurso possível sem o significante, uma vez que, segundo asseveram Siero, Paravidini, & Neves (como citado em Cabas, 2009), o sujeito só aparece a partir dos significantes por haver um campo significante para que ele exista e se represente. Desse modo, o sujeito não é o significante que o representa, mas se utiliza deles para advir e fazer laço. Sendo assim, o sujeito é efeito do discurso do Outro e da linguagem.

O desenvolvimento da tecnologia permitiu a digitalização de muitas das formas de comunicação com o uso da voz, dos dados e imagens, atados em conjunto pelo computador, originando com isso a realidade virtual.

Segundo Viganó (2009), o advento da internet contribuiu potencialmente para fazer da realidade virtual um elemento constitutivo da realidade social. Para nós, seres falantes, a realidade é uma criação, ou seja, a realidade é uma formação do inconsciente. Logo, a inserção na realidade virtual tange, fundamentalmente, dois aspectos: aquele da solução subjetiva, o *sinthome*, e aquele da cultura, do discurso, o inconsciente recalcado sempre mais no campo do real, que torna-se substância de gozo (Viganó, 2009). Diante disso, é possível pensar a realidade virtual funcionando enquanto borda e dobra para a constituição da realidade social.

2. Redes sociais um objeto *a* ofertado a civilização?

As redes sociais e, por consequência, a Internet, são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões; representações que são, geralmente, individualizadas e personalizadas (Recuero, 2009). Patrício & Gonçalves (2010) postulam que as redes sociais representam uma nova tendência de partilhar contatos, informações e conhecimentos no mundo atual. Assim sendo, pretende-se aqui discorrer sobre as redes sociais, buscando questionar sobre a virtualização das relações sociais e suas implicações nos sintomas e nos modos de gozar de nossa época. Tendo em vista que hoje as crianças passam a ter acesso aos objetos midiáticos cada vez mais cedo, o que as redes sociais nos ensinam sobre a subjetividade de nossa época? Podemos pensar que há uma substituição do outro por objetos como o *tablet* ou o celular? E, assim sendo, quais as possíveis consequências dessa substituição do outro por esses objetos? São questões que merecem um debate e tem implicações éticas.

Os primórdios das redes sociais remontam aos e-mails, ferramenta que hoje é comum na comunicação cotidiana. A partir do desenvolvimento da internet, o site AOL, provedor de internet cooperativo e provedor de serviços de internet, passou a fornecer

ferramentas para que as pessoas criassem perfis virtuais nos quais podiam descrever a si mesmas e criar grupos com finalidade de trocar informações e discussões acerca de variados assuntos. Anos depois, precisamente em 1997, a empresa implementou um sistema de mensagens instantâneas, o pioneiro entre os chats e a inspiração dos “*menssengers*” utilizados em larga escala atualmente. Ao longo do final da década de 90 e depois nos anos 2000, a internet começou a ganhar cada vez mais presença na vida das pessoas e, com isso, as redes sociais alavancaram uma imensa massa de usuários, resultando, a partir desse período, no surgimento de uma infinidade de serviços de comunicação. O ano da invenções da redes sociais mais conhecidas foi 2004, dentre as quais estão o *Flickr*, o *Orkut* e o *Facebook*, algumas das redes sociais mais populares, incluindo a maior de todas até hoje, o *Facebook*, que chega a marca de 908 milhões de usuários no mundo (<http://www.tecmundo.com.br>).

A forma como a rede social passou a ser utilizada no cotidiano das pessoas acarretou em mudanças nos modos de se relacionarem, a exemplo do tempo em que se dedicava horas conectado ao *facebook*, no qual dezenas e até centenas de pessoas partilham amizades na rede e todos veem os conteúdos postados por todos, a saber: os relacionamentos, as comidas experimentadas, os lugares frequentados, as festas das quais participaram. Isso ocorre na medida em que todas essas informações estão passíveis de serem mostradas através do virtual, bem como emoções e estados de humor pessoais também são possibilitados de serem compartilhados na rede. Uma outra importante mudança no que diz respeito aos relacionamentos, diz respeito a existência de traições no mundo virtual, em que determinado comportamento na rede social pode comprometer um relacionamento amoroso ou de amizade existente na realidade para além daquela realidade virtual. Ou seja, há uma tênue separação entre o real e virtual, a rede social passou a ocupar um espaço na vida das pessoas, as coisas que são postadas

as afetam, é importante estar ativo na rede e ver também as atividades do outro, ao mesmo tempo vemos um distanciamento do outro no contato corpo a corpo, muitos encontros e discussões bem como conversas são feitas em nível on line.

A expansão da internet trouxe significativas mudanças, relacionadas, inclusive, à invenção de novas profissões. Há uma lógica de causa e efeito em que, se existem muitos sujeitos conectados logo, haverá muitos serviços disponíveis para serem utilizados, vendidos e comprados, com a finalidade de que essas pessoas continuem conectadas. Então, é preciso que haja um contingente profissional para atender esse mercado e fazer com que se produza cada vez mais.

Diante da expansão tecnológica, por exemplo, há profissionais cujo trabalho se baseiam em criar novas ideias e novos produtos diariamente para o consumo, assim como também há profissionais emergentes na era da informação, que editam e mantêm páginas online diariamente. Não obstante, há atualizações e mudanças, como é o caso dos *smartsphones*, que colocou ao alcance da mão – literalmente - algumas funções do computador. O aparelho celular passou a ofertar uma série de facilidades que, aliado a conexão de internet sem fio (Wi-fi), tornou-se um computador portátil, instrumento que poder ter a função fotografar, filmar, assistir filmes, ouvir música, e em alguns modelos, até substitui a TV.

O acesso às redes sociais facilitados pelos *smartsphones* faz emergir ainda a possibilidade de ter o outro mais próximo, presente quase constantemente, com maior facilidade; no entanto, embora haja essa aproximação quase constante, há, simultaneamente, um afastamento, já que o sujeito está por trás das telas que os olham. Assim, a rede social torna-se um espaço público para escrita e leitura, onde o sujeito aparece e se esconde do outro.

Carvalho (2007) refere-se a essa massa de usuários usando o termo “mídia social digital”, procurando com isso caracterizar a nova ambiência de fluxos informacionais e comunicacionais que ocorrem a partir das ferramentas disponíveis nas redes digitais, ou seja, trata de sistemas que possibilitam usos e apropriações que envolvem participação ativa do interagente através de comentários, recomendações, disseminação e compartilhamento de conteúdo próprio ou de terceiros. É o caso, por exemplo, dos sites que atuam como suportes de mídia social, tornando possíveis os usos criativos, a conversação entre os interagentes, a emergência de redes sociais ou comunidades, através de comentários entre outras ferramentas.

O *Facebook*, uma das mídias sociais já citadas anteriormente como sendo a mais utilizada nos dias atuais, foi criado em 4 de Fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg junto à estudantes da Universidade de Harvard, que buscavam criar um site para que pudessem se comunicar entre si, trocar informação dentro do *campus*, enviar mensagens e publicar fotografias. Aos poucos, a ferramenta foi crescendo e sempre conseguindo alto investimento e investindo em ideias inovadoras (Mezrich, 2010). A mídia em questão é um site destinado a conectar pessoas, sendo a principal rede social utilizada no Brasil. Contém ferramentas bem específicas em relação à interação dos usuários, como são exemplos: o botão Curtir, local que os usuários clicam para demonstrar satisfação ou deixar explícito que acharam interessantes certos conteúdos, tais como atualizações de status de outros participantes da rede, comentários, fotos, links compartilhados por amigos ou mesmo desconhecidos.

Esse ato de curtir está na lógica do apreciar, relacionado principalmente às imagens, e estabelece relação com olhar do outro e uma busca por um reconhecimento do outro. O ser humano, enquanto “prematureo” necessita do outro desde a mais tenra idade, já que somos seres relacionais, intermediados sempre pela presença de um grande

Outro e pela necessidade do outro enquanto reconhecimento. As redes sociais evidenciam, portanto, a importância do outro.

Sobre a estrutura da rede social, há uma padronização: ela é igual para todos os usuários. Contudo, podemos ver que há uma abertura para demarcar a singularidade, já que cada um atribui a si uma nomeação própria, cada perfil torna-se bastante singular, na medida em que cada o usuário pode expor suas relações familiares e amorosas na página, as preferências musicais, literárias e cinematográficas. Logo, o *facebook* tem um formato que permite aos usuários (re)construírem uma linha do tempo sendo, ao mesmo tempo, um diário aberto para os outros em contínua construção, um verdadeiro livro da vida.

Por um lado, deixa em aberto ao público e, por outro, permite certa privacidade, pois todas as informações que se encontram nos perfis dos usuários podem ser gerenciadas através de regras que possibilitam defini-los com permissão de quem poderá visualizar suas informações. Ao mesmo passo, há uma abertura para o blefe e a fantasia, postando informações fictícias. A rede possibilita o uso da ferramenta “compartilhar”, que aparece no *facebook*, permitindo que o sujeito partilhe em a própria página fotos, links, textos e imagens, mobilizando o sujeito para o encontro e desencontro com o outro. Podemos perceber o fenômeno do “compartilhar” e “seguir” como efeito de identificação com o outro, uma busca por um nome, um significante que represente o sujeito.

Apesar dos benefícios trazidos pelo uso das mídias sociais, como a promoção do laço social e o acesso ao saber, alguns países restringem ou bloqueiam completamente o acesso à internet, seguindo as políticas impostas por seus respectivos governos. Diante disso, as Américas do Sul, Norte e Central integram as regiões com maior liberdade na

rede, junto com Oceania e boa parte do continente europeu. Já nos países asiáticos a pornografia, sites relacionados à política e o uso das redes sociais ainda é muito forte, enquanto em países como Cuba, Coreia do Norte, Uzubequistão, Turquemenistão, dentre outros, existem muitas restrições no uso das redes sociais, justamente pelo cerceamento dos estilos governamentais desses países, que não se dispõem a lidar com a abertura proporcionada pela rede, uma vez que os laços formados através desta possibilitam contatos com outras culturas que podem vir a fragilizar a crença dessas populações no modo de governo vigente em suas realidades, abrindo margens à contestações.

3. Laço Social e Discurso

Construído pelo discurso, o laço social fundamenta a cultura e promove uma tentativa de regulamentação do gozo por meio das regras impostas pelos acordos sociais, captando os sujeitos e colocando, em determinadas formas aceitáveis socialmente, ao modo de gozar de cada sujeito.

Os sujeitos são inseridos pelo laço social, entretanto não há um padrão *standart* para viver. O laço social é construído por cada um ao adentar e circular nos discursos seja como agente, seja como produto, ele demarca as relações e as intermedia. Como afirma Lacan (1985), “a simbolização, em outras palavras, a Lei, desempenha aí um papel primordial” (p. 100), ou seja, onde o biológico falta, pelo nascimento prematuro do ser humano, é que se insere a dimensão simbólica do homem.

Na inserção do homem no mundo do discurso, acontece um disciplinamento da pulsão através do uso da linguagem e, assim, são estabelecidas regras para a convivência em sociedade. Segundo Freud (1930), a civilização só pode existir porque os impulsos sexuais são canalizados para o trabalho, gerando todos os bens materiais e

intelectuais da civilização. A civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade de energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade.

O processo civilizatório é marcado pela renúncia e pelo sentimento de insatisfação que os homens experimentam vivendo em sociedade. O resultado disso é o mal-estar na civilização, esse mal-estar que é produzido pelo conflito irreconciliável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. A rede social promove uma nova forma de convivência e relações sociais diferentes, mediadas pela internet através de ferramentas que inserem o indivíduo em um local diferente e igual, simultaneamente, ou seja, é possível navegar, conversar, construir grupos, marcar compromissos e estabelecer relacionamentos, de onde o sujeito se encontra. Ele pode ficar em casa e conversar com alguém de outro estado ou país. Além do encurtamento real da distância, dá a rede possibilita abertura para o rompimento das fronteiras e distâncias, promovendo uma ilusão da presença de um outro a qualquer momento.

É possível concluir, diante do exposto, que atualmente a tecnologia facilita e democratiza a comunicação. Esta começa a ocupar um papel importante na vida dos sujeitos e são construídas significações próprias na vida de cada um. A rede tornou-se um espaço paralelo que faz parte das relações sociais, seja no mundo do trabalho, seja um espaço para o lazer e entretenimento. Há uma demanda social para que a rede seja esse outro. Logo, há uma necessidade explícita nessa nova forma de conexão e cada vez há mais pessoas conectadas com mais ferramentas e produtos disponíveis na internet, o que remete a um território do excesso de possibilidades para trabalho, compra e venda, o que em alguns casos desencadeia angústia pela dificuldade do sujeito em recusar a oferta.

A rede social tem um papel importante nas formas de comunicação e estabelecimento de relações entre os sujeitos, contudo, as relações de uma pessoa com a outra são sempre intermediadas por um terceiro. A inserção na rede social abre um espaço para os indivíduos exercerem suas vontades e obedecerem ao seu desejo de forma singular, ao mesmo que, ao expor uma determinada característica no mundo virtual, o sujeito pode estar tentando mostrar o que gostaria de realizar no mundo real, tendo mais privacidade para tal ato, pois existe o anonimato.

As formas de comunicação viabilizadas pela tecnologia atual podem ser importantes, mas ao mesmo tempo podem fazer o indivíduo se isolar do mundo físico, criando a ilusória sensação que não está sozinho. Realiza, assim, um movimento de tamponamento da falta, através da inserção no laço social através da rede, que o põe em contato com os *outros*, e, simultaneamente, faz o esforço de evitar o mal estar do laço com o outro, na medida em que a tela permite esse distanciamento, posto que não proporciona o contato físico. As amizades não estão no âmbito do encontro pessoal e nesse ambiente virtual o sujeito está protegido por essa tela, que permite a ele não se mostrar diretamente e poder, até mesmo, infligir a lei sem ser realmente punido em virtude da falta de critérios existente na rede para com as múltiplas identidades que ela possibilita-nos assumir.

O ambiente virtual não substitui a realidade em sua totalidade. As necessidades do mundo real são diferentes das do mundo virtual, o sujeito necessita se desconectar do mundo online em algum momento, por obrigações da vida cotidiana ou até mesmo pelo cansaço físico e necessidades biológicas, tais como dormir e alimentar-se, já que o corpo impõe limites ao gozo do sujeito. Com isso, os laços promovidos pelas redes sociais podem ser superficiais, sendo uma opção dos sujeitos à fantasia da realidade.

Essa virtualização da vida cotidiana é colocada por Barbosa et al. (2013), afirmando que a internet não oferece apenas novas formas de compartilhamento, visibilidade e facilidade. Elas se situam dentro de um contexto de mudanças ainda maiores, pois com a disseminação de novas formas de viver propiciadas pelo mundo virtual, foi criado um espaço que potencializa manifestações inconscientes, situando-se num intermédio: nem dentro, nem fora; nem eu, nem outro; um espaço “entre”.

Como sabemos, para a psicanálise somos constituídos graças aos significantes fornecidos através do Outro; a identificação imaginária diz respeito ao campo das imagens especulares e da constituição do eu, o que permite aos sujeitos a criação de uma imagem de si mesmo, retrato de si que vem a partir do campo do Outro (Lacan,1998). Dessa forma, quando há identificação entre os sujeitos, é possível que haja também entre os grupos, logo, os laços promovidos pela rede são constituídos desse “assemelhar-se”, dessa identificação com outros sujeitos e outros grupos. A exemplo disso, estão os gostos peculiares mostrados em cada perfil, com um tipo de música ou um tipo de filme e até mesmo determinado discurso que uma pessoa posta. Entretanto, há que se problematizar esse lugar do imaginário na rede social.

4. A fantasia e a imagem na rede

Ao tratarmos das relações na rede social estamos falando de um sujeito que se utiliza de um computador para se relacionar com outros sujeitos. Para a psicanálise, todas as relações que estabelecemos são mediadas pela fantasia, a tela que virtualiza a realidade é também a fantasia. Para Freud e Lacan, é através da fantasia que a realidade psíquica se constitui. A realidade particular de cada sujeito é “fantasística”, ou seja, marcada pela fantasia, logo, esta compõe as relações objetais estabelecidas com outros sujeitos, com objetos, com coisas ou ideias que circulam nosso mundo. Segundo o

escreve Lacan (1998), “o grafo inscreve que o desejo é regulado a partir da fantasia, assim formulada de maneira homóloga ao que acontece com o eu em relação à imagem do corpo, exceto que ela continua a marcar a inversão dos desconhecimentos em que se fundamentam [...] um e outro” (p. 831). A fantasia, portanto, é a sustentação do desejo, já que ele é tido, aqui, enquanto interditado, no campo de uma falta que nunca se completa; a fantasia advém como condição de possibilidade de nortear o desejo, transformando a falta em algo positivo. No entanto, o objeto de desejo sempre escapa, impondo o limite que a fantasia é incapaz de encobrir, e apenas tenta tamponar a falta. A fantasia aponta que todos os objetos são cortados pelo simbólico e pela cultura.

A forma como as pessoas se portam na rede, têm os traços singulares de suas fantasias inconscientes, e suas manifestações podem vir desde a forma como o sujeito se nomeia na rede, com um nome diferente, até mesmo como ele escolhe as imagens que quer mostrar no seu perfil. Para Nasio (2007), o fenômeno da fantasia é um pequeno romance de bolso que carregamos sempre conosco e que podemos abrir em qualquer lugar sem que ninguém veja nada nele, no trem, no café e principalmente e em situações íntimas, ou seja muita gente vive, ama, sofre e morre sem saber que um véu sempre deformou a realidade dos seus laços afetivos.

A quantidade de imagens presentes nas redes sociais é enorme, desde as imagens de cada pessoa com seus álbuns pessoais, até imagens comerciais, dentre outras, estão presentes constantemente na rede. Segundo Santiago (2014), são diversos e acessíveis os recursos que, hoje, favorecem a profusão de imagens, a criação de realidades virtuais, à disposição das máscaras, das fantasias, dos duplos, dos simulacros e dos fetiches do corpo, completando que o que interessa à psicanálise, nessa esfera, são os sintomas resultantes de tais transformações.

O mundo moderno é marcado pela imagem, talvez até mais que a palavra. A imagem está presente em todos os lugares: na internet com seus muitos sites de imagens e programas de edições de fotos, a TV com programas que são calcados em mostrar a intimidade das pessoas, assim como o *Instagram*, aplicativo que aplica filtros às fotos e as compartilha em redes sociais, recentemente comprado pelo *Facebook*. Há uma clara necessidade atual em expor a intimidade, assim como o corpo. Em relação a essa necessidade de olhar e ser visto, Lacan (1979) postula a pulsão escópica, em que ver é função do olho e olhar é objeto da pulsão escópica, do mesmo modo que ouvir é função do ouvido e a voz é objeto da pulsão invocante. O olhar como *objeto a*, longe de assegurar a possibilidade da visão, é o que não deixa ver o objeto, porque o atravessa, ou seja, há um triunfo do olhar (Lacan, 1979). Diante da tela, não é o sujeito que olha para ela, mas a tela que lhe olha, estabelecendo uma relação de objeto entre o sujeito e o outro, o espelho. Segundo Lacan (1979),

o olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia da castração. O olho e o olhar, esta é para nós a esquizo na qual se manifesta a pulsão ao nível do campo escópico (p. 76).

A partir dessa construção, Lacan entende a visão para além do campo biológico, e elucida o olhar não como aquilo que se vê, mas aquilo que é olhado. Diante do que aponta, afirma que “somos seres olhados no espetáculo do mundo” (p. 78), e, retomando o júbilo diante da imagem especular, da contemplação, Lacan (1964) aponta a satisfação existente em estar sob esse olhar *onivoyeur*, que nos discerne e faz de nós olhados, sem deixar isso evidente. Segundo Quinet (2004), o conceito de pulsão escópica possibilitou que a psicanálise restituísse uma função de atividade para olho como fonte de libido e não de visão. Os antigos têm o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a psicanálise

descobriu a libido de ver e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão, tal como ele problematiza nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Portanto, não basta “ver” é preciso “ser visto” pelo objeto que remete a relação com reconhecimento do Outro.

Para Nasio (1993), Lacan concebe o corpo como falante, não porque ele fala, mas porque ele existe atravessado pela ordem do simbólico, ou seja, pelas palavras. Assim sendo, um corpo só existe quando alguém sabe que ele existe e convoca e empresta significantes para esse corpo. Ele concebeu o corpo também como o sexual, pois o mesmo lugar onde há o gozo, o qual é elevação máxima de tensão, que é diferente de prazer, ao mesmo tempo que é erotizado pela linguagem tornando-se alvo do desejo. O corpo imaginário é um corpo da imagem, em decorrência que para sua existência precisou que o sujeito percebesse sua imagem no espelho. A imagem do externo do Outro, que causa algo no sujeito, já o corpo real é corpo do gozo, é anterior a palavra. Lacan (1998), afirma que “no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo *ela já estava.*” (p. 685).

O corpo mostrado na rede social é o corpo imaginário, aquele que precisa ser dado a ele, quando exposto em uma foto, significantes que vão ressoar na vida do sujeito que a postou. Observando esse exemplo, podemos perceber que a rede social pode vir a ocupar papel de Outro na vida dos sujeitos, assim como há um gozo em estar presente e conectado.

Somos constituídos pela falta do objeto. Assim sendo, a satisfação pulsional é sempre parcial. Como coloca Viola & Vorcaro (2009) a respeito da obra de Freud desde

suas primeiras formulações acerca da formação do aparelho psíquico em trabalhos como Projeto para uma psicologia científica (1895), A interpretação dos sonhos (1900) e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), nas quais podemos ler um objeto impossível para o desejo, a falta sob a qual a sexualidade se estruturará, na medida em que a pulsão não tem objeto determinado, é ácefala. É justamente aquilo com o que o sujeito não quer se haver, posto ser o que a pulsão tem de mais instável. É o desejo do Outro que é a causa do desejo, que está no registro da falta, esse algo que jamais se completa, mas que é colorido pela fantasia, naquilo que Lacan denomina de clínica intervalar. Dessa forma, toda vez que a pulsão, essa busca ácefala de respostas, com necessidade de correr sempre atrás de continuidade, no caso da pulsão de vida, e vontade de viver fundamental, se engancha em alguma coisa, provoca a ilusão de que tal objeto satisfará plenamente o desejo do sujeito. Porém, isso não acontece e logo há o deslocamento para a procura de outros objetos, uma vez que o desejo é metonímico.

“Quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo que ele faz nesse caminho para se aproximar disso dá sempre mais corpo ao que, no objeto desse desejo, representa a imagem especular” Lacan (2005, p 51). O estatuto do objeto fica definido como a causa do desejo. É como causa que o *objeto a* sustenta o desejo, e é por isso que no Seminário 10, Lacan conclui que a angústia é o mais radical dos modos de sustentação do desejo. A angústia é o afeto que demarca cada uma das incidências do *objeto a* (Viola & Vorcaro, 2009). Sobre o *objeto a* enquanto causa de desejo Quinet (2002) formula que o *objeto a* não é concebível como objeto empírico, no sentido em que poderia ser assimilado na experiência, já que o sujeito, definido como sujeito de desejo, “experimenta” o *objeto a* por este ser causa do desejo.

Logo que não temos um objeto adequado, vários são os objetos que nos são oferecidos para ocupar esse lugar tão importante. Assim, a cultura diz o que devemos almejar, uma vez que tudo ao nosso redor é embasado na cultura, desde os rituais do nascimento até mesmo passando pela vida da alimentação, ou seja, o Outro, a cultura, tentar mostrar o que pode satisfazer o nosso desejo. Assim sendo, Paduan (2011) coloca:

Os olhos que olham a tela podem estar cheios de desejo e esperança, sedentos pela experiência daquela vida; porém, o que a tela devolve? Qual o olhar da tela que é olhada? Como a tela olha o olho que a olha? A tela, a máquina olha vazio, sem vida. Há uma discrepância fundamental entre o adolescente que olha e a tela que o olha. Ele – gente, vida; ela – máquina, inanimada. A difícil e sensível questão que se apresenta: utiliza-se a virtualidade para se manter como ser desejante, que necessita inicialmente de um olhar vazio e tranquilo de expectativas, para depois seguir uma busca pelo mundo dos olhares que olham de volta, ou seja, o sujeito sente falta daquilo que o olha? Ou, utiliza este olhar morto para amortecer seu desejo, para matar em si o desejo de tocar aquilo que olha? (p.115)

5. Considerações finais

A rede social ocupa esse lugar de objeto causa de desejo, logo o sujeito pode encontrar uma satisfação na rede, seja se protegendo do mal estar do laço ou mesmo com relação ao ser visto e sua imagem ser alvo do olhar do outro, em outras palavras a Rede pode ser um lugar para ser sujeito. Há um gozo que mantém o sujeito conectado a rede, em estar se conectando com pessoas através da tela, assim como somos simultaneamente objetos do olhar e do desejo do outro, que busca especificamente o nosso perfil, para olhar fotos e os conteúdos privados postados, que podem ser aprovados ou não por ele. A Rede pode proporcionar uma sustentação, um campo, e são as relações e os atos simbólicos de enlaçamento que apontam para uma nova forma de

orientação, uma possível bússola do sujeito. Posto que ali encontramos vários *Um* que, em movimento constante, assumem o lugar de referência, de leis e da falta que emerge do semblante desse lugar. Essas maneiras de tentar uma articulação, criam tamponamentos e semblantes dentro uma mesma lógica: buscar recobrir o real que (re)surge e avassala (Siero, Paravidini, & Neves, 2011).

É possível perceber que a rede social é um lugar de sujeitos e que a abertura promovida pela oferta de objetos pelas redes sociais possibilita os mais variados usos pelo sujeito, seja para compra e venda, para construção de novos relacionamentos ou ruptura de antigos, rever ou conhecer pessoas, acompanhar um outro que aborde as questões relacionadas ao semblante como vestimentas, maquiagens, etc. e ainda apresenta ser uma forma de acesso ou recusa ao saber, seja para aprimorar a formação intelectual, por meio de leituras e livros e artigos acadêmicos ou ainda consulta para o saber cotidiano como uma receita, por exemplo.

Sendo assim, o uso que o sujeito faz do objeto rede social, pode ser uma forma de fazer laço e dar um tratamento ao real por meio do simbólico pela via das postagens e escritas, assim como, por outro lado, a rede pode ser um condensador de gozo, impedindo que o sujeito forme laço social fora do virtual e ser uma saída por meio da inflação do imaginário para lidar com o mal estar. A solução sintomática que o sujeito encontra para lidar com o mal estar é singular, isso a clínica psicanalítica nos ensina.

Referências

- Barbosa, A., Furtado, A., Franco, A., Berino, C., Pereira, C., Arreguy, M., Barros, M. (2013). As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, 29, 59-75, Rio de Janeiro.
- Bordenave, J. E.(1982). *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense.
- Carvalho, L. M. (2010). *Legitimação Institucional do Jornalismo informativo nas Mídias Sociais Digitais: estratégias emergentes no conteúdo de Zero Hora no Twitter*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Brasil.
- Freud, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In. Freud, S. (1996) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____.(1905).Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In.Freud, S.(1996) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. In. Freud, S. (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jerusalinsky, A. (2008). *Saber falar: como se adquire a língua?* Petrópolis: Vozes.
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J. *Escritos*. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1985) *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2008) *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- _____. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lévy, P. (1998). A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista FAMECOS*, 9, 37-49, Porto Alegre.
- Longo, L. (2006). *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nasio, J. D. (2007) *A fantasia: O prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mezrich, B. (2010). *Bilionários por acaso: a criação do Facebook. Uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Monteiro, L. (2001). A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações. In *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação* (p. 27). Campo Grande, Brasil.
- Padoan, C. S. (2011). Sobre o Papel da Virtualidade no Enfrentamento da Realidade na Adolescência: uma saída possível. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 12, Porto Alegre.
- Patrício, R., Gonçalves, V. (2010). *Facebook: rede social educativa?* Trabalho apresentado no I Encontro Internacional TIC e Educação, Lisboa, Portugal.
- Quinet, A. (2004). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Santiago, A. (Dezembro, 2014). *Rumo ao VII ENAPOL, “O império das Imagens”*. Opção Lacaniana, 68/69.
- Siero, A., Paravidini, J., Neves, A. (2011). Sujeito e laço social na contemporaneidade: Um em rede. *Revista aSEPHallus*, 12, Rio de Janeiro. Retirado de: www.isepol.com/asephallus.

Viganó, C. (2009). Realidade Virtual e Realidade Sexual. *Revista A peste*, 2, 245-251, São Paulo.

Viola, D., Vorcaro, A. (2009). A formulação do objeto a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9, 867-903. Retirado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27115482006>.